

Ciclo terapêutico *Masani*: Uma estratégia de cuidado em saúde mental para estudantes de música

Therapeutic cycle *Masani*: A health mental care strategy for music student

CAROLINE RODRIGUES FERREIRA
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
carolinerofe@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5972-4383>

Recebido em: 31/07/2024
Aprovado em: 20/08/2024

FERREIRA, Caroline Rodrigues. Ciclo terapêutico *Masani*: Uma estratégia de cuidado em saúde mental para estudantes de música. **Música e Cultura**, v. 13, n. 3, p. 271-283, 2024.

Ciclo terapêutico *Masani*: Uma estratégia de cuidado em saúde mental para estudantes de música

Resumo: O presente trabalho é um relato de experiência sobre o Ciclo Terapêutico *Masani*, grupo terapêutico proposto pela Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET) e realizado pelo Instituto Estrela Preta (IEP). O Ciclo *Masani* é um grupo terapêutico que oferta um espaço de cuidado em saúde mental para estudantes de graduação e pós-graduação do curso de Música, professores e professoras de Música em projetos sociais. Utilizando referenciais da psicoterapia em grupo e musicoterapia, as psicólogas identificam que o espaço terapêutico grupal é muito fértil para o cuidado em saúde mental dos estudantes, professoras e professores de música.

Palavras-chave: Processos grupais; Saúde mental; Psicologia; Musicoterapia.

Therapeutic cycle *Masani*: a health mental care strategy for music student

Abstract: The present paper is an experience report on the Therapeutic Cycle *Masani*, a therapeutic group proposed by Brazilian Association of Ethnomusicology (ABET) and Estrela Preta Institute (IEP). The Therapeutic Cycle *Masani* is a group that offers a mental health space for undergraduate and graduate students in Music, as well as Music teachers involved in projects. Utilizing references from group process and music therapy, the psychologists were able to identify that the group provides a fertile ground for the mental health care of music students and teachers.

Keywords: Group process; Mental health; Psychology; Music therapy.

Introdução

O Ciclo Terapêutico *Masani* é um espaço de escuta psicoterapêutica coletiva com foco breve e pontual, que fomenta o diálogo e a reflexão frente a uma demanda específica. “*Masani*” é uma palavra de origem *bantu*, do idioma *ganda* ou *luganda*, comumente falado em Uganda, país da África Ocidental, e significa “tem espaço entre os dentes” (Asante, 2019). Esse nome foi escolhido porque entendemos que o ciclo é um espaço de produção e brechas. Criado em maio de 2020 em tempos de quarentena da pandemia do covid-19 pelo Instituto Estrela Preta (IEP) a partir da circulação e compartilhamento das palavras tem como objetivo principal construir um espaço coletivo psicoterapêutico para pessoas negras e pessoas LGBTQIAP+ a fim de produzir brechas nos afetos e efeitos das diversas experiências que atravessam essas pessoas nos diferentes campos da vida.

Frente à preocupação com a saúde mental de estudantes do curso de Música e percebendo a necessidade da criação de um espaço para que o assunto pudesse ser trabalhado, em 2022 a ABET buscou a parceria com o IEP para a realização de um grupo terapêutico para os estudantes de Música dos níveis de graduação e pós-graduação, estendendo o espaço a professores e professoras de música presentes em projetos sociais. Assim nasce o Ciclo Terapêutico *Masani* Instituto Estrela Preta e Associação Brasileira de Etnomusicologia, com o objetivo de construir uma rede de apoio, um espaço de convivência para este público específico visando a reflexão sobre os aspectos da saúde mental no processo de formação através do diálogo, da escuta, da reflexão e da música..

Saúde mental e o estudante de música

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018, n.p.), nos últimos anos, a incidência dos transtornos mentais está aumentando e produzindo impactos específicos sobre a saúde. O adoecimento mental, crescendo em uma escalada preocupante vem sendo cada vez mais observado no campo acadêmico.

Hans Selye (1973) afirma que “o estresse é um estímulo não especificado que vem a favor ou contra o organismo, causando uma reação de alerta, defesa ou adaptação” (Selye, 1973, p. 692). Por sua natureza não específica, os fatores estressores podem vir de situações

diversas da vida, nos âmbitos pessoal, profissional, acadêmico, social e outros. McPherson e Hallam (2009, *apud* Britto, 2019 p. 19) dizem que “o aprendizado musical é frequentemente descrito como uma das atividades mais complexas e estimulantes para o intelecto humano, sendo um traço inerente da espécie”. Com uma rotina de aprendizagem carregada de tensões o estresse prolongado pode se fazer presente e assim, afetar a autoestima, relações interpessoais e o desempenho nos estudos. Aos nos debruçarmos nosso olhar para a saúde mental dos estudantes de música, podemos identificar a presença de múltiplos fatores geradores de estresse como a competitividade entre músicos, a cobrança por um alto nível de habilidades técnicas e para os que seguem no campo da educação musical, a percepção da maior valorização do campo da performance do que do campo de ensino (Britto, 2019).

Adiciona-se a tais questões a pandemia do coronavírus que afastou as relações no campo da presença física, criou uma nova relação com o espaço acadêmico que passou a ser vivenciada através das telas. Os palcos dos músicos se transformaram em suas casas; os shows adentraram o campo do virtual nas “lives” e o desmonte da cultura também ficou ainda mais evidenciado nesse contexto, afetando diretamente no sustento dos profissionais da música. Professores e professoras de música tiveram de lidar com os desafios para a adaptação e realização de suas aulas no formato on-line, exigindo de muitos a compra de novos equipamentos, habilidade para utilizar *softwares* para a edição de áudio e vídeo e engajamento nas redes sociais (Louro; Louro; Duarte, 2020). Em meio a isso havia o medo do futuro e suas incertezas, medo do contágio, da perda entes queridos e do trabalho, fazendo com que todas essas mudanças repentinas causassem ansiedade e estresse.

Pela especificidade de seus conteúdos, o ensino remoto emergencial de música torna-se ainda mais desafiador. É válido observar que as plataformas de videoconferência que estão sendo usadas para as aulas virtuais não foram concebidas para atividades e performances musicais, apresentando problemas de latência, fidelidade sonora e sincronização. Além do mais, os equipamentos para uma boa captação de áudio têm um custo bastante elevado, não sendo acessíveis para a maioria dos professores (Barros, 2020, p. 295).

É importante ressaltar que os fatores geradores de estresse diferem de pessoa para pessoa. O contexto cultural, bem como gênero, raça, etnia, sexualidade e outros marcadores sociais da diferença irão influenciar a forma como cada sujeito reage às situações. Para a Associação Americana de Psiquiatria – APA esses elementos “podem ser fontes de força e apoio grupais que melhoram a resiliência, mas também podem levar a conflitos psicológicos,

interpessoais e intergeracionais ou a dificuldades na adaptação que requerem avaliação diagnóstica” (APA, 2014, p. 794). Na nossa sociedade onde formas de opressão estão presentes de forma implícita e explícita não podemos deixar de considerar os fatores socioculturais e econômicos ao olharmos para o cuidado em saúde mental. A saúde é compreendida por nós como não só a ausência de doença, mas como um conceito holístico que busca compreender o bem-estar dos sujeitos. A OMS define saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades” (OMS 1946; 2022). Sabemos que tal completude é muito difícil de ser alcançada por diversos motivos além do que foi exposto e sem a pretensão de alcançá-la em poucos meses, buscamos com o grupo construir meios para o melhor manejo do estresse e produção de saúde que for possível a cada um, a cada uma. Feita a exposição sobre quem somos, o que percebemos e o que nos guia, na próxima sessão relatamos a realização do Ciclo e seus referenciais da Musicoterapia.

Do sobreviver ao alívio: os encontros

O Ciclo *Masani* IEP e ABET foi planejado para ser um grupo focal e pontual, composto de sete sessões/encontros de 90 minutos de duração utilizando diferentes métodos da musicoterapia. Pensado inicialmente para ser realizado mensalmente, nós percebemos a necessidade de uma periodicidade menor a fim de fortalecer o vínculo entre as pessoas participantes do grupo e as mediadoras e o *setting* grupal. A mudança na periodicidade aconteceu no terceiro mês do Ciclo que passou a ter dois encontros quinzenais. A formação do grupo é múltipla, composto em sua maioria por homens não brancos, cisgênero e que nunca haviam participado de grupos terapêuticos ou feito psicoterapia. Os encontros são realizados de forma remota e os participantes são de diferentes regiões do Brasil.

Mediado por duas psicólogas e uma estagiária de graduação em Psicologia, o grupo é guiado pela carta de princípios do Ciclo *Masani* que, em resumo, apresenta os pontos a seguir:

1. A circulação da palavra para a construção de sentido através da troca de experiências;

2. Demarcação da pluralidade de corpos e subjetividades e a intolerância a qualquer ato discriminatório, preconizando o respeito mútuo nos diálogos sobre o tema, de forma a afirmar identidades diversas e suas potencialidades.
3. Partiremos do pressuposto de que não há receitas prontas, assumindo que o que funciona para um, nem sempre funcionará para a/o/e outra/o/e. Ou seja, apostamos na ideia de que as pessoas fazem o melhor que podem, com as situações que se apresentam;
4. Receber com gentileza os afetos divididos, inclusive os que diferem de suas crenças pessoais, não sendo permitido a imposição de inverdades nesse espaço que propõe acolhimento e segurança para as/os participantes;
5. Atenção com a partilha do tempo para que todas as vozes possam se ensaiar e serem ouvidas;
6. Sigilo e responsabilidade com suas palavras, com orientações para a participação com fones de ouvido ou em local seguro para que tudo que for dito possa ser mantido no espaço virtual e no compartilhamento da comunidade que formará este ciclo;
7. Participação gratuita, com o entendimento que há o investimento afeto e tempo nessa partilha.

Todos os participantes receberam ao se inscrever uma cópia da carta que foi lida e discutida em coletivo para o conhecimento de todos sobre o funcionamento do grupo e suas combinações iniciais. No processo grupal é possível trocar vivências, ampliar a capacidade de resolução de problemas, perceber a si mesmo e ao outro, construir, aprender a ouvir e se colocar no lugar dos demais (Zimmerman, 2000). As dinâmicas possibilitam autoconhecimento, troca coletiva de saberes e uma maneira de saber lidar com as diferenças, já que é normal o surgimento de conflitos, o que os faz refletir e aceitar o outro como ele é, proporcionando um entendimento inclusive relacionado ao que se passa em seu círculo social fora do grupo.

Cada encontro possui cinco etapas: 1) *check-in*; 2) dinâmica disparadora; 3) discussão; 4) *check-out* e 5) Encerramento poético. O círculo do *check-in*, inspirado nos círculos de justiça restaurativa, abre espaço para que cada pessoa expresse como se sente ao chegar ao encontro, trazendo em poucas palavras seu estado emocional. As dinâmicas elaboradas para o grupo utilizam técnicas da musicoterapia com o objetivo de fomentar a

discussão e a reflexão sobre emoções, sentimentos e expressões subjetivas, exploradas coletivamente. Assim como no *check-in*, no *check-out* os participantes podem falar sobre como se sentem após a realização do encontro. Por fim, o encerramento poético inscreve a poesia como dispositivo de acolhimento em meio ao misto de sentimentos suscitados ao longo do encontro, a fim de marcar a potência do afeto em meio às dificuldades. Os temas trabalhados nos primeiros encontros foram de livre demanda do grupo, que trouxe questões sobre o estudo remoto e o retorno às aulas presenciais; inseguranças na graduação e na carreira, dificuldades encontradas enquanto sujeitos em suas multiplicidades.

Nossa forma de mediação grupal nos permite, enquanto psicólogas, também partilharmos como algumas questões trazidas em grupo também nos atravessam de um modo geral. Há na Psicologia o mito da neutralidade, onde a psicóloga deve manter, apesar do vínculo, um distanciamento e neutralidade nas questões trazidas pelo grupo. Nós compreendemos que a partilha pode ser um grande elemento de vinculação com os membros participantes e de demonstrar que muitas situações não são individuais e exclusivas, mas também fruto da sociedade em que vivemos e nos relacionamos. Nós realizamos o *check-in* e *check-out* com o grupo e alternamos nossa participação em algumas atividades. Dessa forma podemos nos contar através de nossas vivências estressoras na universidade e que, como eles, buscamos meios de lidar com nossas emoções.

Partindo das conceituações de Bruscia, em musicoterapia entendemos música como:

A música é uma instituição humana na qual indivíduos criam significado, beleza e relações através do som, usando as artes da composição, improvisação, performance e audição. Significado e beleza são derivados (1) das relações intrínsecas criadas entre os próprios sons, (2) das relações extrínsecas criadas entre a experiência sonora e outras experiências humanas e (3) das relações interpessoais e socioculturais inerentes ao processo de fazer ou experimentar música (i.e., “musicar”). Significado e beleza podem ser encontrados na própria música (i.e., o objeto ou produto), no ato de criar ou experimentar a música (i.e., o processo de musicar), no músico (i.e., a pessoa), nas relações interpessoais e socioculturais inerentes ao fazer musical e no universo (Bruscia, 2016, paginação irregular).

Buscamos uma concepção de música ampla, que possa abarcar a multiplicidade da subjetividade de sujeitos singulares em sua pluralidade. Em Musicoterapia trabalhamos não a música em seu sentido abstrato, mas a experiência musical, que compreende, na prática clínica, diversas facetas da experiência musical: gestos ruídos, letras, imagens, histórias, silêncios e seus significados.

A União Brasileira das Associações de Musicoterapia – UBAM apresenta a seguinte definição brasileira da Musicoterapia:

Musicoterapia é um campo de conhecimento que estuda os efeitos da música e da utilização de experiências musicais, resultantes do encontro entre o/a musicoterapeuta e as pessoas assistidas. A prática da Musicoterapia objetiva favorecer o aumento das possibilidades de existir e agir, seja no trabalho individual, com grupos, nas comunidades, organizações, instituições de saúde e sociedade, nos âmbitos da promoção, prevenção, reabilitação da saúde e de transformação de contextos sociais e comunitários; evitando dessa forma, que haja danos ou diminuição dos processos de desenvolvimento do potencial das pessoas e/ou comunidades. (UBAM, 2018, s/p).

Para promover experiências musicais diversas foram utilizados métodos musicoterápicos. Nos métodos receptivos, o sujeito ouve a música e responde à sua experiência musical verbal, silenciosamente ou em outra maneira (Bruscia, 2016). Aqui é possível trabalhar aspectos como a receptividade, estímulos relaxantes, fomentar a imaginação, a memória, bem como evocar estados e experiências afetivas.

Através da canção “Música é...” (Oliveira, 2000), buscamos conhecer o significado da música na vida de cada um dos participantes que após se apresentarem, contaram um pouco de suas histórias. Percebemos no primeiro encontro um distanciamento dos participantes em relação à questão emocional da música em suas vidas. Algo compreensível diante do dado de que alguns chegaram ao grupo terapêutico imaginando uma proposta diferente, mais próxima do ensino da Musicoterapia do que da função que um grupo terapêutico possui.

Tal distanciamento do tema da saúde mental nos fez questionar se há espaços onde os estudantes podem falar sobre o assunto. A grande maioria deles nunca havia participado de um grupo terapêutico ou tido contato com espaços de cuidado em saúde mental como a psicoterapia, por exemplo. O trabalho de vinculação e expressão passou a reforçar de forma psicoeducativa qual é o objetivo do grupo e como as pessoas presentes poderiam se expressar de forma aberta e livre sobre o que pensam e sentem.

Em outro encontro utilizando o método receptivo, realizamos uma atividade com gravações do som do universo como imagem sonora disparadora. Enquanto a música tocava, a mediadora, buscando estimular o imaginário deles e promover um momento de pausa, guiava os participantes a refletir sobre o que a sonoridade os remetia. Nesta atividade tivemos respostas múltiplas: alguns experimentaram sentimentos de relaxamento, outros se sentiram estimulados a criar músicas a partir do som ouvido e outros, ainda, relataram sensações de

desconforto. Assim discutimos a origem dos nossos desconfortos, preocupações com a vida e a dificuldade de encará-las, assim como a necessidade de haver tempos de descanso, de contemplação de sua vida, e a dificuldade de desconectar-se do processo criativo para absorver a experiência receptiva.

Ao utilizarmos o método de *recordação induzida através da* canção (Bruscia, 2016), perguntamos aos participantes “qual a música da sua vida?” Ao mencionarem as canções, trouxeram histórias da presença da música em suas vidas, falando de relações familiares, sociais e interpessoais através do significado que as canções possuíam para si. Para que todos pudessem ouvir as músicas, foi criada uma *playlist* composta pelas canções mencionadas nos encontros e que será alimentada até o final do Ciclo. Neste método buscamos evocar memórias através de um tema (“música da sua vida”) e refletirmos sobre elas.

O encontro mais significativo, até então, teve como referência o método composicional. Neste, “o terapeuta ajuda o cliente a escrever canções, letras ou peças instrumentais, ou a criar qualquer tipo de produto musical, tais como clipes de música ou fitas de áudio.” (Bruscia 2016, paginação irregular). Após o ciclo de *check-in*, pedimos aos participantes que escrevessem como estavam se sentindo, como se estivessem relatando para algum(a) amigo(a). Após a escrita, solicitamos que destacassem frases que considerassem mais importantes e com elas fizessem uma canção, podendo utilizar seu instrumento ou mídia musical de preferência.

Como resultado, tivemos um poema, uma canção no violão e uma reinterpretação de uma canção também tocada no violão. Entendemos essa reinterpretação não como uma não compreensão da tarefa, mas como a expansão e a importância do significado da música escolhida quando explicitado pelo participante junto com a sua escrita. A música e os sentimentos suscitados naquele momento extrapolaram a atividade, o que foi interpretado por nós de forma muito positiva. Chamou-nos a atenção o fato de que um dos participantes mais quietos conseguir se expressar, partilhar com seu poema com os demais e trazer questões sobre temas que lhe atravessam como a ansiedade, depressão, introspecção e a falta de ter pessoas para partilhar o que sente. Em contrapartida, percebemos que uma das participantes mais ativas, mas também mais preocupada e ansiosa com seu desempenho na faculdade não realizou a atividade e se desconectou do grupo *on-line*. Soma-se a isso o dado de que neste mesmo encontro a pessoa trouxe a menção de desistência de disciplinas na graduação devido ao medo da reprovação e questionamentos sobre sua capacidade técnica e

intelectual. A criação encarada como um estressor, presente em sua vida não lhe permitiu que realizasse a tarefa, o que indica a necessidade de falarmos em grupo sobre o enfrentamento ao estresse.

Nos encontros trabalhamos a ansiedade e o estresse não só como adoecedores, mas como respostas fisiológicas e emocionais comuns a todos os seres humanos e que, na medida certa, pode ser positivo e auxiliar o sujeito a lidar com situações inesperadas e que requerem adaptações. Como destacam Panacioni e Zanini (2012, p.228):

Bragg, Cacciola e Mclellan (1988 *apud* SILVA, 2005) explicam que o estresse também pode ser positivo, recebendo o nome de *eustress*. O *eustress* é um tipo de estresse positivo que estimula a ação, tornando o indivíduo mais produtivo, levando-o a lutar por seus objetivos e a ultrapassar as barreiras encontradas. Já o estresse negativo é chamado de *distress* onde há uma condição patológica, podendo ir de estados ligeiramente desagradáveis ao extremamente perigoso.

Considerações finais

Os temas principais trazidos pelos participantes foram: a) o modelo e referencial eurocêntrico da academia e em especial, no curso de Música; b) a dificuldade de lidar com o conteúdo das disciplinas e a insegurança de não ter habilidades técnicas suficientes c) o impacto da pandemia na relação com os estudos e com o ambiente acadêmico; d) motivação interpessoal a través das histórias partilhadas e) dificuldade de expressar sentimentos e emoções.

Observamos ao longo dos encontros que o grupo vem se tornando uma unidade mais firme, o que interpretamos como resultado da confiança estabelecida no espaço para que todos e todas possam se expressar e que aprendem ao ouvir uns aos outros. As falas de *check-in* e *check-out* demonstram os efeitos terapêuticos do grupo. No *check-in* encontramos palavras como “correria” “agitação” “cansaço” “ansioso”, “sobrevivendo” e no *check-out* “acolhido” “reconfortada” “intrigado” “aprendiz” “aliviado” “satisfeita”.

Com poucos estudos na área, pudemos neste grupo corroborar a importância de espaços de cuidado em saúde mental para estudantes do curso de música nos níveis de graduação e pós-graduação. A iniciativa da ABET de juntar-se ao IEP para a realização deste projeto demarca a preocupação da associação com seus associados para além de sua produção acadêmica e artística, ressaltando a humanidade daqueles que tocam, escrevem, pensam,

pesquisam, riem e choram, se frustram e têm desejos. A universidade não é o único estressor, sabemos disso, mas o ambiente e suas exigências podem sim ser adoecedores e que este fato não recai especificamente aos alunos do curso de Música, mas ao grupo discente como um todo, demandando maior atenção e cuidado com os que fazem parte do mundo acadêmico.

O grupo ainda possui encontros por vir onde desejamos continuar proporcionando um espaço de desaceleração do ritmo da vida, com pausas, sons e silêncios como uma boa música. No Ciclo Terapêutico *Masani* IEP e ABET está sendo possível rasgar algumas partituras, brincar com os atonalismos da vida e se permitir criar modos de ser e ver o mundo como nosso corpo-instrumento.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p.

ASANTE, Molefi Kete. **O livro dos nomes Africanos**. Afrocentricidade Internacional: 2019.

BRITTO, Priscylla Souza. **Música e neurociências: o impacto neurofisiológico da rotina do estudante universitário de música**. Recife, 2019. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo musicoterapia**. [Recurso eletrônico] Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

LOURO, Viviane; LOURO, Fabiana dos Santos; DUARTE, Plinio Gladstone. O estresse gerado pela pandemia como risco para adoecimento mental e físico do músico a partir das neurociências cognitivas. **Revista Música**, v. 20 n. 2, p. 379-396, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/178817/167000>. Acesso em: 25 jul. 2022.

OLIVEIRA, Jairzinho. Música é... In: OLIVEIRA, Jairzinho. **DIS'RITMIA**. São Paulo: Trama, 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XV3y8ynmC50> Acesso em 31 jul. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Folha informativa - Transtornos mentais**. abr. 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5652:folha-informativa-transtornos-mentais&Itemid=839. Acesso em 30 jul. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **WHO remains firmly committed to the principles set out in the preamble to the Constitution.** Disponível em: <https://www.who.int/about/governance/constitution>. Acesso em 14 jul. 2022.

PANACIONI, Graziela França Alves; ZANINI, Claudia Regina de Oliveira. Musicoterapia na promoção da saúde: contribuindo para o controle do estresse acadêmico. *Opus*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 225-256, jun. 2012.

SELYE, Hans. The Evolution of the Stress Concept: The originator of the concept traces its development from the discovery in 1936 of the alarm reaction to modern therapeutic applications of syntoxic and catatoxic hormones. *American Scientist*. Carolina do Norte - Estados Unidos, p. 692-699. dez. 1973. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27844072> Acesso em: 29 jul. 2022.

UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA. **Definição Brasileira de Musicoterapia.** 2018. Disponível em: <https://ubammusicoterapia.com.br/definicao-brasileira-de-musicoterapia/>. Acesso em: 30 jul. 2022.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

Caroline Rodrigues Ferreira é psicóloga clínica e social. Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pesquisando sobre relações raciais, feminismo negro e saúde mental. Especialista em Musicoterapia na Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Formada em 2019 pelo Centro Universitário Metodista IPA e formação em Acompanhamento Terapêutico pela Acurarte. Coautora do livro “*Antigos e novos paradigmas: uma abordagem interdisciplinar na construção do conhecimento*”, lançado em 2016 e coautora do livro “*Encruzilhadas históricas e culturais*”, lançado em 2024. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia, feminismo negro, música, cultura, racismo e interseccionalidade.

<http://lattes.cnpq.br/8190974999005644>